

7 Conclusão

Dai palavras à dor. Quando a tristeza perde a fala, sibila ao coração, provocando de pronto uma explosão.

William Shakespeare - Macbeth

No capítulo anterior, apresentei os principais resultados que obtive após a análise das entrevistas que realizei. Neste capítulo, discutirei estes resultados e os relacionarei ao conteúdo teórico deste estudo.

7.1. A importância dos rituais

No capítulo 2, “A sociedade diante da morte”, vimos que o falecimento de um indivíduo é um acontecimento que abala seu grupo social. O abalo se deve ao fato de a morte de uma pessoa transmitir à sociedade como um todo a impressão de estar ameaçada de extinção (Durkheim, 1912/1996; Hertz, 1907/2004; Rodrigues, 2006; Jankélevitch, 1966). Diante desta ameaça, o grupo precisa se mobilizar para sobreviver apesar da perda que sofreu. A mobilização se dá principalmente através de rituais como missas de sétimo dia e outros análogos. Estas são ocasiões que promovem a união dos “sobreviventes” e colaboram para a gradual restauração da estabilidade da sociedade de modo geral (Van Gennep, 1909/1978; Hertz, 1907/2004, Malinowski, 1925/2004).

Além de promoverem o restabelecimento de uma sociedade abalada pelo falecimento de um indivíduo, os rituais têm também a função de fazer com que a morte seja reconhecida socialmente. Esse reconhecimento é necessário porque, assim que uma pessoa falece, a sociedade não consegue pensá-la, imediatamente, como morta. Por conseguinte, o grupo precisa de tempo para que seja capaz de aceitar a morte de um de seus membros como um fato concreto. O tempo necessário para que isto aconteça corresponde ao período ao longo do qual são feitos os rituais de passagem. Estes rituais são percebidos por aqueles que os

executam como um meio que têm de ajudar a alma do falecido a chegar à sua “morada final”. Ao prestarem este tipo de “ajuda”, através de missas, orações e cerimônias fúnebres, o grupo social gradualmente passa a reconhecer o falecimento como um fato real e irreversível.

A comoção que a morte gera na sociedade tem seu correspondente do ponto de vista individual. Em termos psicológicos, perder uma pessoa querida é uma experiência que causa impacto e gera sofrimento. Um dos sinais do abalo que a morte de um ente querido provoca é a sensação imediata de descrença na realidade da morte. Esta descrença traduz a dificuldade de reconhecer o falecimento assim que ele acontece, dificuldade esta que geralmente é proporcional à força do vínculo que havia com a pessoa que morreu. Assim sendo, a morte de um ente querido pode provocar maior ou menor desorganização psíquica. Somente ao longo de um tempo variável é que se dará a recuperação da estabilidade perdida e a aceitação da morte como um fato real. Quando isso acontece, pode-se considerar que o luto foi elaborado. Para que a elaboração seja conseguida, é essencial que os sentimentos experimentados sejam externados. Se, por qualquer razão, o enlutado não puder expressar seu sofrimento, o luto pode se prolongar e a pessoa pode não elaborá-lo, não se tornando capaz de criar novos vínculos e se envolver em novas atividades. Se externar a dor pela perda de alguém é fundamental para a elaboração do luto, e se rituais são ocasiões durante as quais os enlutados podem fazer isso, vemos que eles são necessários também do ponto de vista psicológico.

7.2. Os rituais e a morte interdita

Embora sejam importantes social e psicologicamente, os rituais relativos à morte passaram a ser reduzidos ao estritamente “necessário” ao longo do século XX, século da “morte interdita” (Ariès, 1977). Nos séculos precedentes, estes rituais eram numerosos e começavam ainda no leito do enfermo, antes mesmo que a morte acontecesse. Nesta época, a dor experimentada quando do falecimento de uma pessoa querida era sentida como tolerável e os ritos eram suficientes para amenizá-la. No século XX, no entanto, a morte de um ente querido passou a gerar sentimentos considerados insuportáveis. Por esta razão, passou-se a evitar o

contato prolongado com tudo o que remetesse a este acontecimento. Como os rituais associados à morte faziam lembrar a pessoa que faleceu, eles tornaram-se breves e pouco numerosos, comparados com o que havia antes. Como consequência, os funerais passaram a se restringir apenas a um curto velório e um enterro. Em decorrência da intensidade do sofrimento que a morte passou a provocar, surgiu a ideia de que pensar ou falar na morte ou no morto em excesso podem fazer mal ao enlutado, por trazer à tona uma dor extrema. Passou-se, por isso, a se aconselhar que estas pessoas se distraíssem, evitando pensar no falecido ou conversar sobre ele.

A evitação dos rituais, de pensamentos e conversas sobre o falecimento são, portanto, uma tentativa de os enlutados não experimentarem sentimentos considerados insuportáveis. Acontece, no entanto, que agir desta maneira não faz com que as emoções decorrentes de uma perda significativa se tornem mais brandas e tampouco desapareçam. Assim sendo, surge a pergunta: se a morte do século XX gera tanto sofrimento, como este sofrimento é mitigado? Se a dor pela perda de uma pessoa querida é sentida como insuportável, como ela pode abrandar, visto que os rituais parecem não ser suficientes para amenizar a dor, como acontecia no passado? A pesquisa que fiz forneceu algumas respostas para estas perguntas. Passemos, então, a estas respostas.

7.3. Surge um novo comportamento

Uma solução para o “impasse” de a morte gerar uma dor insuportável que não pode ser externada parece ter surgido no início do século XXI, a partir de um tipo específico de uso da Internet. Ao longo da primeira década deste século, a Internet se tornou uma plataforma na qual se desenrola boa parte da vida humana. Nesta plataforma, assim como é possível comprar, paquerar e fazer novas amizades, pode-se também manifestar a dor decorrente da morte de uma pessoa querida. Estas manifestações podem ser vistas em *sites* que albergam memoriais, em *blogs* em homenagem a falecidos e na escrita de recados, no Orkut, para pessoas que faleceram. Esta última maneira de externar o sofrimento gerado pela perda de alguém querido foi a que mais nos chamou a atenção. Isso porque o Orkut, um *site* que tem como objetivo favorecer o *relacionamento* entre pessoas

que estão *vivas*, ser utilizado como um meio de “se relacionar” com pessoas falecidas, é surpreendente, por ser este certamente um fim muito diferente daquele pensado originalmente por seus desenvolvedores.

A “invenção” deste novo modo de utilizar o Orkut parece ser uma consequência da visão de morte predominante no século XX. Os entrevistados mostraram isso ao dizerem que dificilmente conversavam com seus conhecidos sobre a morte do ente querido. Por esta razão, embora experimentassem uma dor intensa pela perda, essa dor era manifestada em raras ocasiões. Ao deixarem recados em perfis de falecidos, eles parecem ter encontrado no Orkut um meio de aliviar a dor que sentiam, e que não conseguiam amenizar de outras maneiras. Assim sendo, o que antes era feito exclusivamente através dos rituais hoje pode ser feito também pelo Orkut.

O uso que os entrevistados e tantas outras pessoas fazem do Orkut como um meio de escrever mensagens para pessoas que estão mortas parece ser um modo de atender à necessidade social que os rituais não cumprem de maneira suficiente hoje em dia. Se atualmente há poucas e breves ocasiões em que os enlutados se reúnem e se fortalecem como grupo diante da ameaça que a morte simboliza, muitos destes enlutados conseguem ter a sensação de união escrevendo mensagens no Orkut e lendo os recados que outras pessoas deixam. O perfil do falecido parece ser, então, uma espécie de “ponto de encontro”, onde aqueles que estão sofrendo a perda de alguém querido se sentem agregados e fortalecidos, “sobrevivendo” à ameaça da morte.

Escrever no Orkut parece atender também a uma necessidade psicológica. Esta necessidade consiste em externar os sentimentos experimentados quando da morte de alguém querido. Fazer isso é fundamental para a elaboração do luto, porém, como vimos, hoje em dia os enlutados são frequentemente incentivados a não falar do morto ou da dor que estão sentindo (Bowlby, 1985; Worden, 1998; Parkes, 1998; Kovács, 2007; Kübler-Ross, 1981/2000). Assim sendo, esta necessidade acaba não sendo suficientemente satisfeita. Por este motivo, os entrevistados, assim como muitas outras pessoas, parecem ter encontrado no Orkut um meio de manifestar sua dor. Deixar mensagens é, então, um modo de expressar o que de outra forma pouco é expresso.

Ao fazerem isso, os participantes parecem também encontrar uma saída para a falta de apoio dos profissionais de saúde. Se, como afirma Parkes (1998b), estes

profissionais não são capazes de acolher os enlutados logo após a perda, muitos dos enlutados encontram no Orkut esse acolhimento. Quando “desabafam”, como se falassem com os próprios falecidos, os entrevistados parecem se sentir aliviados como se sentiriam caso tivessem conversado com alguém face a face. De maneira semelhante, quando lêem as mensagens que outras pessoas escrevem, os entrevistados têm contato com os sentimentos de pessoas que conviveram com o falecido, que tinham apreço por ele e que também estão sofrendo com sua perda. Lendo estes recados, os entrevistados sentem-se acolhidos por saberem que outras pessoas têm sentimentos análogos aos deles.

7.4.

Escrever no Orkut substituiu os rituais tradicionais?

Se escrever no Orkut do falecido é um novo comportamento, consequente do fato de que, a partir da morte interdita, os rituais deixaram de dar conta da dor experimentada pelos enlutados, isso significa que o novo comportamento tenha substituído os antigos rituais? Creio que seja muito cedo para termos a certeza de uma resposta, pois o comportamento que venho observando é demasiadamente recente. Seriam necessários mais alguns anos para observar se escrever recados para pessoas mortas no Orkut – ou *sites* de relacionamento análogos – se tornará um costume relacionado ao falecimento de alguém querido, ou se esta é apenas uma reação em um momento pontual da história que, com o tempo, deixará de existir. Da mesma maneira, seria necessário mais tempo e novos estudos para entendermos melhor as transformações pelas quais os rituais tradicionais estão passando e quais suas funções nos dias de hoje.

Embora não possamos ter certezas, não me parece que escrever no Orkut tenha substituído outros rituais. Isso porque os entrevistados disseram que, ao longo do tempo em que escreviam recados no Orkut, eles foram ao enterro dos falecidos, às missas em sua homenagem e oraram por eles. Percebi, então, que os recados no Orkut coexistiam com outros comportamentos mais tradicionais. O que observei é que escrever mensagens tem uma função distinta dos rituais, embora tanto os primeiros como os segundos pareçam promover algum tipo de alívio para a dor experimentada. A diferença está no fato de os recursos ligados à religião trazerem alívio por transmitirem a certeza de que o falecido está “em um

lugar melhor”, enquanto que, ao escrever mensagens no Orkut, os participantes obtinham alívio por conseguirem externar um sentimento que, no cotidiano, estava contido. Assim sendo, deixar *scraps* pode ser visto como um *complemento* para os rituais tradicionais. Esse complemento é necessário já que os rituais não parecem ser suficientes para abrandar o sofrimento decorrente da perda. Uma das causas da insuficiência dos rituais é o fato de eles serem ocasiões pontuais e breves. O Orkut, por outro lado pode ser acessado tanto quanto o enlutado desejar, e podem ser escritas tantas mensagens quanto ele quiser.

7.5.

Escrever no Orkut revela haver luto patológico?

Antes mesmo de fazer entrevistas, percebi que, ao deixarem mensagens em perfis de mortos no Orkut, as pessoas expressam sua dor pela perda de uma pessoa querida de um modo peculiar. Essas mensagens são escritas sempre em *segunda pessoa do singular*, o que faz parecer que muitos usuários do Orkut estão “conversando” com outros que estão mortos. Essa “conversa” com um interlocutor que está morto e que, conseqüentemente, não responderá, pode parecer, à primeira vista, uma manifestação patológica do luto. Ao conhecer as condições nas quais as mortes se deram e as relações que os entrevistados tinham com os falecidos, a impressão de haver aspectos patológicos parece ter ainda mais sentido. Isso porque, nos discursos dos entrevistados, identifiquei muitos dos fatores de risco – aqueles que podem funcionar como complicadores do luto – apontados por Bowlby (1985), Parkes (1998) e Rando (2003). Entre estes fatores estão a perda de filhos jovens, a perda de amigos próximos, a morte repentina e o fato de o enlutado ser jovem.

Embora as características das mensagens escritas e os fatores de risco possam sugerir haver um luto patológico, não foi isso o que percebi quando fiz uma investigação detalhada e ouvimos as pessoas que deixavam recados em perfis de falecidos. Nas entrevistas, realizadas mais de um ano após os falecimentos, todos os participantes revelaram ter hoje sentimentos mais brandos em relação à perda. Em seu discurso, eles mostram ter se acostumado a viver sem seu ente querido. Por esta razão, hoje estas pessoas visitam os perfis dos falecidos e escrevem mensagens com uma regularidade significativamente menor do que

faziam nos primeiros tempos após a morte. Apenas Leila, que perdeu seu filho Rafael há 4 anos, diz sentir como se o rapaz tivesse falecido há pouco tempo. Em diferentes momentos de seu discurso, no entanto, ela revela que não visita mais o perfil dele com tanta frequência e que não sente tanta necessidade de escrever mensagens. Assim sendo, mesmo esta mãe parece ter conseguido dar seguimento à sua vida e não parece ter desenvolvido nenhum tipo de luto patológico. Todos os participantes, portanto, aparentemente caminham no sentido da elaboração da perda que experimentaram. Nos termos de Freud (1917/1988), todos parecem ter conseguido redistribuir a libido antes dirigida ao objeto que não existe mais. Usando o referencial de Bowlby (1985) e Worden (1998), é possível dizer que há indicativos de que as diferentes etapas do luto foram ou estão sendo superadas. Vejamos, então, como identifiquei a evolução do luto nesta pesquisa. Para isso, retomarei algumas das ideias propostas por Freud (1917/1988), Bowlby (1985) e Worden (1998) e as associarei ao que as entrevistas revelaram.

7.6.

Dados que apontam para a elaboração do luto dos entrevistados

De acordo com as ideias de Freud (1917/1988), Bowlby (1985) e Worden (1998), em um momento imediatamente após a perda os enlutados costumam ter a sensação de que o falecimento não aconteceu realmente. Embora tenham conhecimento racional de que a pessoa morreu e não mais retornará, isto só pode ser aceito do ponto de vista emocional aos poucos. Por esta razão, as viúvas do estudo mencionado por Bowlby (1985) diziam que “simplesmente não podia[m] acreditar” no falecimento de seus maridos. Percebi a descrença dos entrevistados em discursos análogos ao citado. Ao entrarem nos perfis dos falecidos pela primeira vez, muitos dos entrevistados revelam ter tido a sensação de que a morte não havia acontecido realmente. Outros, por sua vez, não podiam aceitar que o falecimento era real, e ver os perfis de seus entes queridos trazia à tona essa realidade. Em todos os casos, os entrevistados revelaram que, nos primeiros tempos após a morte, era difícil aceitar que seus amigos/parentes haviam morrido.

Para Bowlby e Worden, conforme o tempo passa, começam a se alternar momentos em que o enlutado parece aceitar o falecimento com outros em que ele continua tendo dificuldades em crer na realidade. A esperança que restou de ter o

falecido de volta gera o comportamento de busca, que faz com o que a pessoa em luto faça tentativas desesperadas de contactá-lo de alguma maneira. As viúvas citadas por Bowlby, por exemplo, iam ao cemitério “procurando” seus maridos, ou tentavam se comunicar com eles através da religião. No caso dos entrevistados, o comportamento de busca consistia em visitar os perfis dos falecidos repetidas vezes e deixar muitas mensagens neles nos primeiros tempos após a morte. Se as viúvas do estudo de Bowlby iam ao cemitério por terem a impressão de que seus maridos ali estavam, meus entrevistados revelaram ter sensação análoga ao acessarem os perfis de seus entes queridos. Se indo ao cemitério, fazendo orações, vendo fotos e acendendo velas não se sentiam perto dos falecidos, através do Orkut era esta a sensação que experimentavam.

Ainda segundo Bowlby e Worden, aos poucos a morte começa a ser percebida com mais concretude e começa a ser aceita como um acontecimento irreversível. Embora essa percepção e a maior aceitação da morte gerem tristeza e angústia, ambas apontam para a elaboração do luto. Esta elaboração se dá quando o enlutado se mostra adaptado à perda e pode encontrar um novo lugar para o falecido em sua vida emocional. Neste momento, a pessoa em luto percebe que sua vida precisa continuar apesar do falecimento e consegue se lembrar do morto de modo mais tranquilo, sem que intensos sentimentos eclodam. No caso de meus entrevistados, percebi em seu discurso alguns indicativos que apontam para a elaboração do luto. O primeiro destes indicativos é a rarefação das muitas mensagens escritas nos meses seguintes à morte. A rarefação parece revelar que os participantes passam a sentir menos necessidade de escrever e, por esta razão, passam a simplesmente visitar o perfil do falecido, sem deixar recados. Outro dado que aponta para a elaboração do luto é o uso da expressão “caiu a ficha” por muitos dos participantes. Quando falam sobre “cair a ficha”, os entrevistados revelam que, após certo tempo, estão conformados com a perda e que suas vidas precisam continuar após a morte de seu ente querido. A perda deixa, então, de gerar sentimentos intensos como gerava logo após a morte, e os participantes podem se lembrar do falecido sem que o sofrimento venha à tona. Há, portanto, alguns elementos que sugerem que os participantes conseguiram elaborar o luto ou caminham neste sentido.

Quando os participantes se referem ao perfil do falecido como um lugar de memórias agradáveis, eles parecem confirmar a impressão de que o luto foi ou

está sendo elaborado. Se antes eles experimentavam, ao mesmo tempo, dor e conforto ao visitarem e escreverem no perfil de seus entes queridos, passado um tempo os entrevistados voltam ao perfil apenas para lembrarem-se dos momentos bons vivenciados ao lado de seus amigos/parentes falecidos. Eles revelam, portanto, que foram capazes de retirar a libido antes investida no objeto e dirigi-la para outros fins (Freud, 1917/1988). Ao fazerem isso, puderam reposicionar emocionalmente os mortos e podem, por isso, continuar suas vidas apesar da perda. Vemos, portanto, que o Orkut é utilizado de uma maneira enquanto a morte “não está completa”, ainda no período de liminaridade, ou seja, enquanto o luto está sendo elaborado, e passa a ter outra representação quando a morte é aceita e o luto parece estar terminado.

7.6.1. As reações de aniversário

Se os entrevistados mostram que seu luto foi ou está sendo elaborado, por que o primeiro aniversário após a morte desperta, mesmo naqueles que já se dizem mais conformados, uma forte ilusão de que o ente querido está vivo? Por que os participantes e diversas outras pessoas dirigem mensagens aos falecidos felicitando-os como se eles estivessem vivos?

As características das mensagens escritas nos aniversários e os sentimentos que estas datas despertam nos enlutados revela que, no Orkut, os entrevistados manifestam as “reações de aniversário”, descritas por Cassorla (1991), ou uma das “Subsequent Temporary Upsurges of Grief” (STUG Reactions), de Rando (1993). Como vimos no capítulo 3, essas reações acontecem em datas especiais (como aniversário, Natal, data da morte) quando a ausência do ente querido é sentida de maneira mais marcante. O retorno de reações relativas à morte é considerado normal nessas ocasiões, ainda que o luto já tenha sido elaborado. Assim sendo, o fato de os entrevistados deixarem mensagens no aniversário como se o falecimento não tivesse sido real não significa que haja uma negação da morte ou o luto patológico. Isso porque estas são reações pontuais, que acontecem apenas em datas específicas, e não de forma contínua. Ademais, os aniversários que se seguem ao primeiro parecem prover elementos que apontam para o luto não-patológico. Nestas ocasiões subsequentes, ainda que muitos dos entrevistados

tenham escrito mensagens, vários são os que dizem que seu sentimento ao fazer isso era de menos sofrimento e de maior conformidade do que no primeiro ano.

7.7.

O que há de novo?

Se, no discurso dos entrevistados, pude identificar as diferentes etapas do luto e as reações de aniversário, e temos indicativos de que o luto foi ou está sendo elaborado, pode-se dizer que tudo permanece igual ao que era antes da difusão da Internet? Não exatamente. Esta pesquisa apontou algumas modificações, que apresentarei a seguir.

Em primeiro lugar, é importante retomar o que é o Orkut e com que fim ele costuma ser usado. Trata-se de um *site* de *relacionamentos*, ou seja, um ambiente usado para formar redes de relações entre pessoas que evidentemente estão *vivas*. O Orkut é um *site* que tem a interação entre as pessoas como uma de suas características mais marcantes. Nele, as pessoas conversam através de mensagens, compartilham fotos, fazem atualizações no perfil, adicionam novos amigos, entre tantas outras coisas. Um ambiente como este ser usado para escrever recados para pessoas que estão mortas é algo totalmente novo.

É importante reiterar que a novidade não está na tentativa de se comunicar com os mortos, já que sempre houve maneiras de pessoas enlutadas se sentirem em contato com falecidos. Entre estas maneiras estão a ida a cemitérios, as orações, as sessões espíritas, os ritos de candomblé, entre outros. O contato com os mortos é feito quase sempre através do sistema ritual ou em ambientes considerados sagrados. O que há original em enviar mensagens para perfis de pessoas mortas é que os participantes utilizam um ambiente profano, que foi construído pelo próprio falecido e através do qual ele se comunicava com seus amigos e parentes antes de morrer. Tudo isso faz com que este seja o meio que mais gera a sensação de que o falecido está próximo. Por esta razão os entrevistados dizem sentir o perfil como “um pouquinho do falecido” ou uma “herança” dele.

Embora os meios tradicionais sejam valorizados e considerados “poderosos”, nenhum deles tem estas características que o perfil do Orkut tem. Estas características fazem com que o perfil do morto transmita uma impressão de

proximidade com ele maior do que outros meios. Quando vão ao cemitério, os entrevistados não sentem que o falecido “está ali”. Quando oram, pedem pela alma do falecido, mas não se sentem em contato com ele. Escrevendo no Orkut, pelo contrário, os participantes têm a sensação de estarem conversando diretamente com seus entes queridos.

Outra diferença entre os ambientes sagrados e o Orkut é o objetivo pelo qual cada um destes recursos é buscado. Quando procuram sessões espíritas, rituais de candomblé e outros análogos, as pessoas geralmente estão em busca de uma comunicação real com o falecido. Acreditando que ele está em “outro mundo”, a religião é muitas vezes procurada como um meio de se ter contato com o falecido neste “lugar”. Em contextos religiosos, é comum as pessoas não apenas acreditarem na capacidade de “falar” com o falecido, mas também na de este último “responder”. Através de médiuns, por exemplo, muitas pessoas têm a notícia de que o morto “está bem”, “está perto de Deus” etc. No Orkut, embora haja a sensação de proximidade com o morto e a impressão de que o contato é possível, os entrevistados revelaram que não escrevem com o intuito de serem realmente lidos pelos falecidos. Ao deixarem mensagens, eles têm muito mais o objetivo de “desabafar” do que de se comunicar com os falecidos. Este objetivo parece se confirmar quando os participantes nos dizem que, hoje, escrevem menos mensagens, pois já se acostumaram com a perda. Penso que, caso acreditassem ser o Orkut um meio real de comunicação com os mortos, mesmo acostumados com a perda eles poderiam tentar continuar em contato com seus entes queridos.

7.8. Pensando além

Com este estudo, pude responder muitas das perguntas que fiz quando observei o interessante fenômeno que acontecia diante de meus olhos. Ao “ouvir” aqueles que escrevem mensagens em perfis de pessoas mortas, pude entender melhor as razões que tantas pessoas têm para se comportarem desta maneira quando da perda de um ente querido. Além de dar as respostas que eu buscava, a pesquisa também despertou novas reflexões sobre o tema que estudei. Gostaria, então, de concluir compartilhando com o leitor algumas destas reflexões.

7.8.1. Há algo semelhante em outros países?

Em meu estudo, me propus a entender o que leva tantos brasileiros a dirigirem mensagens a perfis de pessoas mortas no Orkut. Para que me ativesse ao meu objetivo, evitei fazer comparações com o que pudesse estar se passando em outros países. Isto, no entanto, não evitou que eu tivesse a curiosidade de saber se algo análogo estaria acontecendo fora do Brasil ou se este seria um comportamento exclusivo das pessoas de nosso país. Minha curiosidade surgiu a partir da leitura de DaMatta (1991), que se refere ao modo como o brasileiro de se relaciona com a morte e os mortos. Para este autor, a sociedade brasileira, por ser uma “sociedade relacional”, tem como o sujeito social não o indivíduo, mas as relações entre as pessoas. A importância dada aos vínculos faz com que a morte não seja suficiente para extinguir as relações que existiam. Por esta razão, “fala-se” com os mortos de maneiras diversas: através de médiuns, de orações ou de sonhos. Nessas “conversas”, os mortos também se comunicam, e fazem isso através de avisos, presságios, sinais acidentais e coincidências, interpretados como algo que eles estariam dizendo aos vivos (DaMatta, 1991).

Em uma cultura onde há o costume de se “falar” com os mortos, parece fazer sentido que, em tempos de Internet, essa “conversa” migre para o ambiente das redes sociais. Mas será que, em outras sociedades relacionais, o mesmo vem acontecendo? E em culturas mais individualistas, haverá algo análogo ao que observei em meu estudo? Ainda que responder estas perguntas não fosse meu objetivo, tentei encontrar dados que ao menos me dessem elementos para começar a refletir sobre o assunto.

Ao ir em busca de algum tipo de resposta para estas perguntas, descobri que na Índia, segundo país que mais acessa o Orkut, algo aparentemente análogo acontece. Tive conhecimento de duas histórias, amplamente divulgadas pela mídia local, de jovens que foram assassinados, e cujos perfis no Orkut passaram a receber muitos recados. As características destes recados, no entanto, parecem muito diferentes daquelas que encontrei nesta pesquisa. Isso porque eram recados escritos, em sua maioria, por desconhecidos dos falecidos. O grande número de mensagens escritas por pessoas que não conheciam os mortos parece estar associado ao fato de ambos os casos terem vindo a público e terem gerado uma

grande comoção. Além disso, a maioria das mensagens deixadas parece mais “impessoal” do que as escritas pelos brasileiros que estudei. Para entender melhor se o que aconteceu na Índia era algo pontual ou um comportamento que se repete com frequência, seria necessária uma investigação mais detalhada. Uma nova investigação também tornaria visíveis as semelhanças e diferenças entre o que acontece naquele país e no Brasil.

Para sabermos o que se passa em outros países, é preciso investigar também outros *sites* análogos ao Orkut. Isso porque em diversos países, como os Estados Unidos e aqueles situados na Europa, o *site* de redes sociais mais popular não é o Orkut, mas o Facebook. Questionei-me, assim, se algo semelhante ao que estudei aconteceria, em outros países, neste último ambiente. Ao refletir sobre o assunto, nos deparei com um “grupo” (que é o equivalente às “comunidades”, do Orkut) chamado “Ashton’s Memorial”. Trata-se de um espaço dedicado a uma jovem que faleceu há mais de três anos e que recebe, até hoje, diversas mensagens de amigos e parentes da moça. Assim como observei nos perfis de falecidos no Orkut, muitas destas mensagens também eram escritas em segunda pessoa. Também de maneira análoga ao que se passa no Orkut, parentes e amigos de Ashton deixam recados nos quais contam acontecimentos, falam da falta que sentem da moça nas datas comemorativas e desejam feliz aniversário no dia em que ela completaria mais um ano. Entre as pessoas que escrevem ainda hoje, estão a mãe e o irmão da falecida. Embora as mensagens dirigidas ao “Ashton’s Memorial” a princípio pareçam ter características semelhantes às deixadas nos perfis que estudei, seria necessária uma investigação mais detalhada para entender se as motivações daqueles que as escrevem são análogas às dos meus entrevistados. Além disso, mais estudos seriam fundamentais para sabermos se existem outros “memoriais” análogos ao de Ashton no Facebook e o que estes memoriais representam para os enlutados.

O trabalho de Williams e Merten (2009) parece lançar alguma luz sobre o que acontece em outras redes sociais fora do Brasil. Em sua pesquisa, estes autores americanos estudaram as mensagens que adolescentes enviam, para seus amigos que faleceram, em redes sociais como Facebook, MySpace e Xanga. Sem especificar exatamente em qual (ou quais) destes *sites* o estudo se deu, eles relatam que encontraram mensagens, em segunda pessoa, em que os jovens falam de seus sentimentos, comentam sobre acontecimentos gerais e lembram situações

vividas com o morto. O estudo destes autores utilizou como meio de coleta de dados a observação das mensagens escritas por adolescentes enlutados. Por não ter havido entrevistas, não é possível sabermos o que estes adolescentes pensam sobre as mensagens que escrevem e quais as motivações que têm para escrevê-las. Por esta razão, embora as mensagens escritas guardem semelhanças com aquelas que encontrei em perfis de falecidos, não é possível dizer que meus participantes e os adolescentes da pesquisa de Williams e Merten tenham as mesmas razões para deixarem mensagens.

7.8.2. O que esperar daqui para frente?

Quando comecei meu estudo, quatro anos atrás, a popularidade do Orkut no Brasil estava em plena efervescência, principalmente entre os jovens. Nesta época, era difícil encontrar um jovem que não tivesse um perfil no Orkut e que não o acessasse diariamente. Em 2007, Orkut era sinônimo de *site* de redes sociais para uma imensa quantidade de brasileiros. Nos dias de hoje, em que a tecnologia avança a passos largos, quatro anos é tempo suficiente para que a realidade se transforme. Por este motivo, hoje o cenário das redes sociais é diferente daquele que havia em 2007. O Orkut continua sendo um ambiente extremamente popular entre os jovens do nosso país, porém, neste meio tempo, assistimos à popularização de outros *sites* análogos. Muitas pessoas que antes formavam redes sociais apenas no Orkut hoje utilizam também o Facebook, que é o *site* do gênero mais acessado no mundo inteiro. Hoje em dia há, no Brasil, aqueles que mantêm perfis nos dois *sites*, assim como há outros que se desligaram do Orkut para fazerem parte apenas do Facebook. Embora o Orkut permaneça em primeiro lugar como o *site* de rede sociais mais acessado pelo público brasileiro, o Facebook vem tendo um expressivo crescimento desde 2009 (dados da Folha.com: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u589830.shtml>).

Diante desta mudança no cenário das redes sociais *online*, o que podemos pensar sobre o futuro, no que concerne ao hábito de se escrever mensagens em perfis de quem está morto? Se muitas pessoas migraram do Orkut para o Facebook, será que, neste último, os perfis dos usuários mortos serão usados de forma análoga à que vimos nesta pesquisa? Continuarão os enlutados fazendo uso

do Orkut para manifestar sua dor? Outras redes sociais serão usadas com o mesmo fim?

As rápidas mudanças que as novas tecnologias vêm gerando em nosso cotidiano fazem com que nós, pesquisadores, tenhamos o privilégio de ser observadores de uma realidade em transformação. Como pesquisadores, devemos acompanhar essas transformações e modificar constantemente nossas perguntas, para que elas permaneçam adequadas à realidade vigente. Concluo, portanto meu estudo, que foi capaz de responder às questões que propus, deixando estas novas perguntas, que poderão ser respondidas em futuras investigações.